1934 - PAUSA NO DESARMAMENTO E GOLPE NAZI ABORTADO NA ÁUSTRIA

Winston Churchill

Regressemos, por instantes, à Câmara dos Comuns. No mês de Julho de 1934, a Comissão Permanente da Conferência do Desarmamento, em Genebra, foi suspensa *sine die*. Em 13 de Julho, declarei o seguinte:

> Estou feliz por constatar que a conferência do desarmamento está em vias de passar ao domínio da história. É um erro fundamental confundir desarmamento com paz. Quando tivermos paz, o desarmamento não tardará. Mas estes últimos anos foram marcados por um agravamento constante das relações internacionais, por uma má vontade que não pára de crescer, por um aumento regular, direi mesmo acelerado, dos armamentos, malgrado a torrente inesgotável de discursos, de perorações, de boas intenções e de banquetes que marcaram esta época.
>
> A Europa estará em segurança quando as nações deixarem de se sentir em perigo, como é o caso de muitas delas, nos dias que correm. Então, a obsessão e o peso dos armamentos desaparecerão automaticamente – como deveriam ter desaparecido se a paz tivesse durado – e não nos será nada difícil, então, consagrar esse desarmamento através de um acordo geral. Espero que tenhamos chegado ao termo desta política de pressão que o governo exercia sobre a França – esta França pacífica, estranha ao militarismo – para diminuir as suas forças armadas. Alegro-me por os Franceses nunca terem seguido os conselhos que tantos de nós tão liberalmente lhes prodigalizaram e que, sem dúvida, o líder da oposição [Sr. Landsbury] não deixaria de apoiar.
>
> Havemos de conhecer outras Alemanhas, para além da actual, no decurso das nossas vidas. Mas, de momento, o facto é que dois ou três homens, no que pode bem ser uma posição desesperada, têm nas suas garras a totalidade desse poderoso país, dominando esse povo de uma ciência, de uma inteligência, de uma docilidade e de uma coragem espantosas, que conta 70 milhões de almas; que a Alemanha não conhece o benefício dinástico graças ao qual a monarquia, porque vê longe e arrisca muito na partida, é levada a travar a política; enfim, que também não existe opinião pública, excepto aquela que fabricam essas duas novas máquinas infernais: a rádio e a imprensa controladas pelo poder. Na Alemanha, a política não é o que é por cá. Lá, não podeis renunciar às vossas funções para ir militar na oposição. Não podeis deixar a bancada do governo para vos irdes perder nas fileiras dos independentes. O que podeis é, um dia, durante um quarto de hora, serdes obrigados a abandonar as vossas altas funções para irdes ao comissariado da polícia e, de lá, serdes conduzidos muito rapidamente onde sofrereis uma ainda mais cruel experiência!
>
> Parece-me que os homens, nesta situação, sejam facilmente tentados a fazer o que mesmo uma ditadura militar não ousaria praticar, porque uma ditadura militar, com os seus numerosos defeitos, baseia-se, ao menos, numa estimativa muito exacta dos factos reais. Ela é, por conseguinte, menos perigosa do que uma ditadura dirigida por homens que não hesitarão, para suster os perigos que a ameaçam do interior, a lançar-se na aventura estrangeira, por mais perigosa e catastrófica que seja para o mundo inteiro.

Não precisei de esperar muito tempo para ver aparecer o primeiro indício desta tentação pela aventura.

O início do mês de Julho de 1934 foi marcado por um vaivém incessante nos caminhos de montanha que levam da Baviera à Áustria. No fim do mesmo mês, a polícia de fronteira austríaca detinha um estafeta alemão portador de documentos onde constavam mensagens cifradas, com base nos quais um plano de revolta completo iria ser executado. O organizador do *coup d'État*[1] era Anton von Rintelen, na altura embaixador da Áustria em Itália. Dollfuss e os seus ministros foram lentos a reagir perante os sinais de aproximação de uma crise e os indícios prenunciadores de uma revolta iminente, sinais que se tornaram perceptíveis em 25 de Julho. Na manhã desse dia, os nazis de Viena foram mobilizados. Um pouco antes das 13 horas, um destacamento de rebeldes armados penetrou na chancelaria, e Dollfuss, ferido com duas balas de revólver, ali foi deixado a esvair-se em sangue. Um outro grupo de nazis apoderou-se da estação de rádio e anunciou a demissão do governo de Dollfuss e a tomada do poder por Rintelen.

Milícias nazis austríacas em acção durante o golpe de 25 de Julho

Anton von Rintelen

Mas os outros membros do gabinete de Dollfuss reagiram com firmeza e energia. O presidente Miklas deu a ordem formal para o restabelecimento da ordem, custasse o que custasse. O ministro da Justiça, Dr. Von Schuschnigg, assumiu a chefia do governo. A maior parte do Exército e da Polícia manteve-se fiel ao governo e pôs cerco aos edifícios da chancelaria onde, rodeado por alguns rebeldes, Dollfuss estava prestes a morrer. A revolta tinha eclodido, simultaneamente, na província, e grupos da legião austríaca da Baviera haviam cruzado a fronteira. Mussolini estava, agora, ao corrente do que se passava. Telegrafou prontamente ao príncipe Starhemberg, chefe da *Heimwher* austríaca[2], assegurando-lhe que os Italianos o ajudariam a manter a independência austríaca. Voando expressamente para Veneza, o *Duce* ali acolheu a viúva de Dollfuss e lhe prodigalizou toda a sua simpatia. Enquanto isso, três divisões italianas marcharam para junto da fronteira de Brennero. Perante estas notícias, Hitler, que conhecia os limites da sua força, recuou. O embaixador da Alemanha em Viena, Rieth, e outros funcionários alemães comprometidos na insurreição foram chamados ao seu país ou forçados a demitir-se. A tentativa fracassara. Era necessária uma mais longa preparação. Von Papen, poupado aquando dos massacres de Junho[3], foi nomeado para a embaixada em Viena, com ordens para agir através de meios mais subtis.

---

[1] Em francês no original.

[2] A *Heimwher* era uma milícia nacionalista que, apesar de ser contrária à democracia parlamentar, colaborava com o chanceler Dollfuss. (Nota do tradutor)

[3] Churchill refere-se à crise no Partido Nazi que levou à matança dos apoiantes de Rœhm, em Junho de 1934. (Nota do tradutor)

O novo embaixador fora enviado para Viena com a missão precisa de organizar o derrubamento da república austríaca. A sua tarefa era dupla: de início, reanimar o partido nazi clandestino, o qual, desde então, passou a receber uma subvenção mensal de 200.000 marcos; seguidamente, minar a posição das personalidades marcantes da política austríaca ou aliciá-los para a causa alemã. Pouco depois da sua nomeação, Von Papen explicou, com uma franqueza a roçar a indiscrição, ao seu colega americano em Viena:

Viena 25Jul34 – Rebeldes nazis são aprisionados pelas forças da ordem

> Da forma mais impudente e mais cínica [disse o embaixador americano], Papen afirmou que toda a Europa do Sudeste, até às fronteiras da Turquia, constituía o *hinterland* natural da Alemanha, e que ele tinha por missão assegurar o controlo económico e político da Alemanha sobre toda essa região. Com um tom suave e tranquilo, logo afirmou que a primeira medida era garantir o controlo da Áustria. Tinha a intenção de tirar partido da sua reputação de bom católico para influenciar certos austríacos, como era o caso do cardeal Innitzer. O governo alemão estava decidido a deitar a mão à Europa do Sudeste. Ninguém a poderia deter. A política dos Estados Unidos, assim como a da França e da Grã-Bretanha, não era "realista".

É durante este período trágico e alarmante que morre o velho marechal Hindenburg. Havia muitos meses que se encontrava senil, e, por conseguinte, mais do que nunca o instrumento da *Reichswehr*[4]. Hitler torna-se o chefe de Estado alemão, mantendo o seu título de chanceler. Era, agora, o soberano todo-poderoso da Alemanha. O seu pacto com a Reichswehr havia sido selado e mantido pela sangrenta depuração de Junho. Os 'camisas castanhas'[5], reduzidos à obediência, afirmavam de novo a sua lealdade ao Führer. Todos os inimigos e possíveis rivais tinham sido eliminados. A partir desta data, os S.A. perderam toda a influência e tornaram-se uma espécie de polícia especial, para ocasiões excepcionais. Por outro lado, os 'camisas negras', aumentados em número e reforçados graças a certos privilégios e a uma férrea disciplina, tornaram-se, sob as ordens de Himmler, uma guarda pretoriana afecta especialmente à pessoa do Führer, um contrapeso aos chefes do Exército e à casta militar e, enfim, uma força armada política, colocando meios militares consideráveis à disposição da polícia secreta, a Gestapo, então em pleno desenvolvimento. Só faltava dar, formalmente, a

[4] Assim se designou a organização das Forças Armadas alemãs entre 1919 e 1935. Incluía um Exército de 100.000 homens e uma Marinha de 15.000. Em 1935, a *Reichswehr* passou a denominar-se *Wehrmacht*. O *Reichsheer* foi redenominado de *Heer* (exército) e a *Reichsmarine* passou a chamar-se *Kriegsmarine* (marinha). Em Março de 1935, foi criada a Forças Aérea como ramo independente, com a designação de *Luftwaffe*. (Nota do tradutor)

[5] Partidários de Ernst Rœhm, co-fundador das *Sturmabteilung* (S.A.) (Nota do tradutor)

estes poderes a ratificação de um plebiscito organizado a fim de instituir, definitiva e totalmente, a ditadura de Hitler.

Os acontecimentos da Áustria aproximaram a França e a Itália. No seguimento do choque psicológico causado pelo assassinato de Dollfuss, tiveram lugar contactos dos estados-maiores. O perigo que ameaçava a independência austríaca determinou uma revisão das relações franco-italianas, não apenas no tocante ao equilíbrio de forças no Mediterrâneo e na África do Norte mas também nas posições respectivas dos dois países na Europa do Sudeste. Mas Mussolini estava ansioso não só por salvaguardar as posições do seu país na Europa como também por garantir o seu futuro imperial em África. Achava que era útil manter relações estreitas com a França e a Grã-Bretanha contra a Alemanha, mas sentia que lhe seria difícil evitar fricções com estas duas potências no Mediterrâneo e em África. O *Duce* interrogava-se se a segurança a que as três nações aspiravam, não impeliria a França e a Grã-Bretanha a aceitar o programa imperialista da Itália em África. De qualquer modo, era uma via cheia de esperanças que se oferecia à política italiana.

In Winston Churchill, *The Second World War*

Tradução de David Martelo a partir da versão francesa da obra – *Mémoires sur la deuxième Guerre Mondiale – Vol. I – L'Orage Approche – D'Une Guerre à l'autre – 1919-1939*, Plon, Paris, 1948, pp. 102-106. – Dezembro de 2017